



# BATE PAPO ONLINE ENTRE AMIGOS

MARCELO QUEIROZ OLIVEIRA JÚNIOR\*

Estou esgotado, repetia para mim mesmo todos os dias ao dormir. Tentei escrever textos sobre os motivos desse esgotamento, prática que aprendi na terapia. Mas, todas as tentativas falharam, os pensamentos acelerados e bagunçados não estavam sujeitos a organização. Na verdade, acredito que meus pensamentos são indomáveis, apesar das técnicas aprendidas com a psicóloga ao longo dos 8 anos de terapia.

Entretanto, na segunda-feira, já deitado para dormir, iniciei um diálogo com uma amiga. Em alguns trechos, consegui, de alguma maneira, externalizar algumas questões presentes nos meus pensamentos nos últimos meses. Lembro-me de ter iniciado essa conversa dizendo: "Estou esgotado! É desumano o processo de conquista profissional daqueles que não têm apadrinhamento, herança ou contatos fortes. O mais engraçado é que ninguém entende seu sentimento de frustração, revolta e desespero. Arelado ao 'falso', mas, paradoxalmente, legítimo entendimento das pessoas ao nosso redor, está o discurso de doutrinação do pensamento, ação e atitude expresso através das frases clichês: Ficar tudo bem! É o processo, aguente firme! É uma fase, logo passa! O sistema é duro, rígido e letal. O sistema mata os sonhos e, conseqüentemente, as pessoas em vida. Pertencer à minoria é duro, e, ao contrário do que falam, não é uma fase que passa, pois seguimos sendo mutilados cotidianamente: no trabalho exploratório; na escassez de alimentos; na escassez de momentos felizes".

Após alguns minutos, recebi a resposta dela (a rapidez trazida pela tecnologia): "Escreva. Publique... Há várias nuances, mas milhares de nós vivemos isso... tantos de nós ficaram para trás... tantos não chegaram onde queriam... tantos... tantas coisas... Calejadas estamos".

---

\* Graduado em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus Jequié, e mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem da

Ao ler sua resposta, coloquei-me num lugar de reflexão. Por alguns minutos, pensei sobre essas nuances, chegando à conclusão de que, sim, estamos calejados... Então, disse-lhe: "Sim! Estamos calejados. Não devemos desistir. Se não alcançarmos o objetivo no momento que desejamos, alcançaremos depois. É fundamental seguir, mesmo com as múltiplas sensações presentes em nós. Contudo, é necessário compreender que continuarei sofrendo, mas lutando e conquistando (a base de muitas mortes, em sentido figurado) os espaços negados a nós".

Ela, desta vez sem demorar muito, respondeu: "Tudo na vida da minoria funciona assim, amigo, com um: vai dar certo, ficará tudo bem... Simplesmente porque aprendemos assim, funciona o mesmo com o ser resiliente ... O que não muda é: A VIDA SEGUE E ESTÁ POUCO SE LIXANDO. O que nos resta? Ou continuar tentando, ou mudar a rota ou desistir".

Neste momento, indaguei-me: a vida está pouco se lixando? Talvez, não. Acredito que nós, sujeitos construtores da vida, estamos pouco se lixando com as dores dos outros. Afinal, aprendemos a ser assim, sucumbir nossos sentimentos e seguir não olhando para o lado, mas sempre para frente. Além disso, comecei a pensar o quanto esse aprendizado de "vai dar certo", "ficará tudo bem", constitui o discurso de doutrinação dos corpos. A partir dessas reflexões, respondi: "Percebo, posso estar equivocado, que as pessoas tentam nos consolar (inseridas automaticamente no movimento de doutrinação) a partir do discurso religioso e positivo, nos levando a repetir e mentalizar o gratiluz. Essa atitude esconde os problemas sociais, os reais motivos que nos matam. E, sim, dará certo. Alguns de nós alcançaram seus objetivos, mas, antes de dar certo, nos mataremos diariamente".

Ela novamente me respondeu rápido: "É duro. É foda. É terrível. Há que se ter cuidado porque a morte é o fim. Onde tudo se acaba... E assim seguem nos matando (nossos sonhos) ... Infelizmente tem que seguir, ferido, machucado... E terapia, para minimizar o que fica dentro".

Mais uma vez, pus-me no lugar de reflexão: quantos de nós têm a dívida de ter terapia? Essa maioria que não consegue ter terapia vai minimizar o que fica dentro de si como? Qual sentido eu dou a morte nessas

UESB, Campus Vitória da Conquista. E-mail: marceloqueirozoliveirajunior@gmail.com

nuances da vida? Com isso, respondi: "Neste momento, compreendo a morte como recomeço. Algo alegórico. Algo que sinaliza um porvir, uma vida nova. A morte é vista, por mim, como uma força motriz".

Ela, sem se alongar mais, respondeu: "Então, meu fi, vamos renascer logo".

Neste momento, quis escrever bastante sobre o renascimento, mas a bagunça do meu pensamento não deixou. Dessa maneira, apenas finalizei nossa conversa com a certeza de que é necessário coragem para continuar vivendo. Precisamos combinar diariamente de não morrer pelas desigualdades destinadas a nós, a minoria, mas criar mundo possíveis. É necessário tecer o porvir.